



Documento padrão para submissão de trabalhos ao V Congresso Nacional de História da Mídia

Os Programas Infantis e sua trajetória na TV aberta brasileira: os casos mais importantes¹

Lauren Ferreira Colvara²

Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – UNESP, aluna do programa de Pós Graduação em Comunicação Midiática. Bolsista FAPESP.

Resumo

Faz-se uma trajetória dos programas infantis exibidos na TV brasileira desde a sua inauguração ao início do ano 2000. Usa-se as fases de desenvolvimento da TV (Mattos, 2002) para categorizar as épocas em que os programas eram transmitidos. E ressaltar os mais importantes de cada época verifica-se um perfil característico de cada época.

Palavras-chave

Programas Infantis; TV aberta; Brasil; História.

Introdução

Durante a coleta de dados dos programas infantis, verificou-se que seria complicado falar sobre os programas sem uma contextualização. Por isso a divisão aqui apresentada é a de fases do desenvolvimento da TV no Brasil, apresentada por Mattos (2002), que define cada uma das seis fases a partir de acontecimentos que servem como ponto de referência para o seu início. O estabelecimento de cada fase levou em conta o desenvolvimento da televisão dentro do contexto sócio-econômico-político.

Aos elaborar o relato dos programas faz-se uma rápida síntese de como eram, e também como estava a situação da televisão no momento o qual era produzido e exibido. Por isso a retomada de alguns aspectos da História da TV e do Brasil.

Fase Elitista (1950 – 1964)

Na década de 50, a TV estava no seu estágio inicial, contando apenas com dois canais: TV Tupi (1950 – 1980) e TV RECORD (1952) com programações infantis significantes, porém os desenhos não tiveram grande representatividade. Vivia-se a era dourada, a Era Vargas, em

¹ Trabalho apresentado ao **GT 7 - História da Mídia Audiovisual** Coordenadora: Ruth Vianna (UFMS) do V Congresso Nacional de História da Mídia, Facasper e Ciee, São Paulo, 2007.

² Formada em Psicologia pela Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação Midiática – FAAC/UNESP. Bolsista FAPESP com o projeto: “A TV e os vários olhares da criança”. Pesquisadora do Grupo Mídia e Sociedade – UNESP/ Bauru. Email: laucolvara@yahoo.com.br



que a política era orientada para a participação do Estado como investidor da economia, desta forma obtinha-se respostas imediatas aos problemas existentes baseado numa ideologia nacionalista

A televisão teve fases de desenvolvimento, segundo Mattos (2002), está em seu período inicial chamado de Fase Elitista (1950 – 1964), em que o televisor era considerado um artigo de luxo ao qual apenas a elite tinha acesso, pois seu preço era três vezes maior do que da radiola mais sofisticada do mercado, e um pouco a menos que um carro.

O primeiro programa voltado para o público infantil foi o Gurilândia (1951), exibido pela TV Tupi, reprodução de um programa de rádio bastante popular, onde crianças cantavam e tocavam e declamavam poesias. No final do ano era exibido O Clube do Papai Noel, programa que ficou no ar por mais de 21 anos. Na mesma época surge o seriado infantil semanal De Mãos Dadas, que abordava temas infantis por intermédio das histórias de um viúvo e uma menina.

Com base em boa literatura brasileira e europeia, Fábulas Animadas (1952 – 1956) com direção de Tatiana Belinky e Julio Gouveia, tinha como objetivo central despertar a imaginação e o gosto pela literatura. Mantendo a preocupação com o educar, informar e divertir: O Sítio do Pica Pau Amarelo começa a ser exibido.³

Destaca-se Teatrinho Trol (1956 – 1966) com direção de Fabio Sabag e Carlos Lage, foi um programa que marcou época, pois trabalhavam importantes peças nacionais e internacionais desde balé a teatro, e que se trata de uma referência a programas que se desenvolveriam nos anos seguintes.

No entanto, havia apenas dois programas que continham desenhos animados: Sessão Zig Zag (1953) programa dominical, com teatros, filmes e desenhos animados, os quais não temos registros, por se tratarem de animações de pequenos estúdios. E Pim-Pam-Pum (1955 – 1957) programa semanal diversificado de uma hora diária.⁴

Segundo Mattos (2002) nesta década havia 33 programas, dos quais conseguimos informações sobre 17, com relevância no quesito da transmissão de programas direcionados ao público infantil quanto na exibição de desenhos animados. Sendo que 23 surgiram na TV Tupi denotando uma época de muita criatividade e preocupação com o público infantil.

³ Outros programas que fazem parte desta época: Era uma Vez e/ou Teatro da Juventude (1952 – 1955); Passeando pela História (1954 – 1956); Nos Tempos da Vovó (1953); Sabatina Maisena (1954 – 1957); O Palhaço (1956 - 1958) Pequeno Lorde (1958 – 1959); Polyana (1956), O Jardineiro Espanhol (1958 – 1959); Angelika (1959) e Jardim Encantado (1959 – 1960)

⁴ Com a inauguração da TV Recordo em 1954 tiveram-se os seguintes programas: Teatro infantil (1954); Circo Arcádia (1954 – 1975); Capitão Sete – cerca de 20 anos no ar, transmitia seriados de aventura semanalmente; Ginkana Kibon (1958 – 1969)



Os programas infantis desta época refletem uma preocupação com a cultura transmitida e com o estímulo à leitura, por isso os teatros infantis com obras relevantes da literatura infantil. As gincanas também tinham este fundo cultural, uma vez que exploravam conhecimentos gerais sobre literatura, música e artes como também a expressão artística das crianças. Os desenhos começam a ter seu espaço na programação, algum que não constam registro e o clássico, aparentemente eterno na grade televisiva, Pica pau.

Muniz Sodré (1977) argumenta que a ausência de uma estrutura comercial e a pequena audiência formada pela elite foi fatores determinantes que levaram a TV a enfatizar certos tipos de programa. O exemplo citado pelo autor é que em 1954, o IBOPE divulgou que 48% dos proprietários de aparelho tinham assistido a uma apresentação de ballet. “No ano de 1985, a fim de expandir o tamanho da audiência, as emissoras abandonaram os programas culturais”. (Veja, 1970: 63).

Destaque para dois programas da época: Gurilândia (TV Tupi), por ser o primeiro programa infantil e Teatrinho Trol (TV Tupi) pelo seu conteúdo cultural e como se tornou referência para a produção de programas infantis futuros.

Fase Populista (1964 – 1975)

Na década de 60, a inauguração de mais alguns canais de TV diversifica a programação: Excelsior (1960-1969), Cultura (1962), TV Record (1965) e Rede Globo (1967).

A programação infantil ganhou um reforço, mas somente dois programas apresentavam desenhos animados, situação que durou até meados da década de 70. A principal característica desse período era a sisudez do regime militar, decorrente do golpe de estado de 1964: a repressão, os festivais de música, o início dos movimentos estudantis. Enfim, uma época mais voltada para os jovens, para a descoberta da juventude. A criança, já um pouco mais liberta dos modelos apresentados nos anos 50, também luta como o jovem por liberdade.

O televisor era usado pelo governo como o maior exemplo de modernidade e programas de auditório que faziam o estilo popular agora tomavam grande parte da programação.

O golpe de estado de 1964 em que o Presidente João Goulart foi deposto marca o início do controle político da ditadura não apenas na política, na repressão aos civis, como também ao total controle dos meios de comunicação de massa, TV e Rádio, que era fundamental para a disseminação não apenas da ideologia do regime como também da produção de bens duráveis e não duráveis. O sistema político e a situação socioeconômica do país foram totalmente modificados pela definição e adoção de um modelo econômico para o desenvolvimento do



país. Houve uma rápida industrialização, com tecnologia e capital estrangeiro externo, baseada no tripé: empresas estatais, empresas privadas nacionais e corporações multinacionais. Depois de 1964 a venda de televisores preto em branco aumentou cerca de 24,1%.

O que diz respeito ao desenvolvimento da TV, momento em que está se deixando o clima de improvisação dos anos 50, adotando os padrões de administração norte-americana, tornando-se cada vez mais profissional, o que facilitou o surgimento de grandes ídolos, adorados por milhares de expectadores. E o que não foi diferente nos programas infantis, pois é desta época Capitão Aza.

O governo se limitava a alocar frequências e a conceder licenças, além de exercer a censura de programas e de transmitir uma série de considerações e recomendações sobre o conteúdo. Até que o General Médici (1969 a 1974) decidiu que o governo iria se preocupar diretamente com o conteúdo dos veículos de comunicação, principalmente da TV. Criando-se inclusive o Programa Nacional de Teleducação (Prontel).

A partir deste controle, temos uma redução dos programas internacionais, até mesmo dublados, programas regionais e nacionais começaram a tomar conta da grade da programação. Os programas infantis começam a ter mais variedade, as inversamente às condições propostas pelo governo, os programas infantis tinham cada vez mais em seus quadros produtos televisivos importados.

A TV Tupi renova sua programação lançando programas que ficam conhecidos como “grandes clássicos” da programação infantil com: Capitão Aza (1967), o programa infantil mais significativo, não apenas pela evolução dos recursos técnicos, que possibilitaram a transmissão para diferentes lugares, atingindo cerca de três milhões de crianças em todo país, o que por sua vez prejudicou as programações locais. O ator Wilson Vianna dava vida ao avião Capitão Aza, que era a imagem de reforço das instituições governamentais entrando de acordo com o panorama político. Os meios de comunicação eram utilizados para divulgar e garantir a manutenção dos seus ideais. Séries americanas como “Jeane é um gênio” eram exibidas conjuntamente com desenhos animados como: Speed Racer e Corrida Maluca.

As novelas infantis com episódios diários persistiam, com destaque para o Zorro Tupiniquim, “Jerônimo, o Herói dos Sertões”, estória que teve seu início no rádio para tomar forma na TV por quatro anos, movimento bastante comum nesta época. Episódios diários que contavam as aventuras de um zorro tupiniquim.

Na TV Record têm um movimento diferenciado, pois a emissora era preocupada com a divulgação de Festivais de MPB, caracterizando sua programação como elitista e só



“popularizando” com a entrada dos programas direcionados ao mundo dos esportes. Os três incêndios comprometeram o patrimônio e prestígio da emissora, pois se tornou necessário importar os enlatados americanos para cobrir as falhas na programação, “criando um hiato em sua programação e redirecionando-a em outros moldes”. (MAREUSE apud Amorim, 2000).

Criada em 1965, a Rede Globo vem com grande força devido ao famoso acordo com o grupo internacional Time – Life, o que possibilitou o desenvolvimento da empresa apesar do AI –5. A recém inaugurada emissora seria a principal concorrente da TV Tupi, tanto que o seu primeiro programa infantil é: Capitão Furacão (1965) – programa inovador por causa das tomadas externas, programa com duas horas de duração diária. O apresentador era um Capitão que contava histórias e dava conselhos aos “marinheiros iniciantes”. Foi o primeiro programa a registrar altos índices de audiência da emissora, exibia filmes e desenhos da Hanna Barbera: Jetsons, Tom & Jerry. Em sua programação também continha outros dois programas: Uni-Duni-Tê (1965) com um formato americanizado e Mister Show (1969) com o ratinho Toppo Giggio e Agildo Ribeiro.

A ditadura militar é claramente refletida nos programas infantis que tem agora como apresentadores vestidos com fardas, Capitão AZA (TV Tupi) e Capitão Furação (Globo). A imagem heróica do militar, o melhor exemplo para as crianças, um modelo a ser seguido, que os militares continuam a sabedoria, a chave para uma boa vida. O mito do herói sendo explorado como forma e controle das massas.

Ficando evidenciada também a competição entre ambas as redes que rivalizavam a liderança do mercado. No entanto, temos que o Capitão Aza é até hoje lembrado e tido como uma boa produção televisiva infantil.

O formato de programa de auditório americano é implantado também para os programas infantis, dos sete programas transmitidos na época, cinco tinha este formato. Entre uma atividade e outra das gincanas, temos a apresentação de desenhos animados, que cresceram cerca de 800%.

Nota-se que existia um controle do governo, uma campanha nacionalista, que se percebe ser voltada para a programação adulta, pois na programação infantil os desenhos animados são importados tal qual o seu modelo de apresentação. Sendo evidente o tratamento com a infância da época, pois existe uma preocupação com a educação, com as mensagens veiculadas, mas não mais é estimulada a literatura como na década de 50.

A Fase do Desenvolvimento Tecnológico (1975 – 1985)



A característica da terceira fase que começa é a padronização da programação em todo o país e pela solidificação do conceito de rede de televisão. Na terceira fase do desenvolvimento da TV Brasileira, a Fase do Desenvolvimento Tecnológico (1975 - 1985), as redes de TV se aperfeiçoam e começam a produzir, com mais intensidade e profissionalismo, os seus próprios programas com estímulo de órgãos oficiais, visando a exportação. O crescimento da TV brasileira desta época é medido pela quantidade de televisores por residências. O censo IBGE de 1980 indicava que 55% de um total de 26,4 milhões de residências já estavam equipadas com aparelhos de TV, um crescimento de 1.272% entre 1960 e 1980.

O governo de Emílio Médici (1969 – 1974) exerceu inúmeras pressões sobre as emissoras de televisão mediante punição com multas e até suspensão de alguns programas, como medida corretiva. Isso visando diminuir o que, oficialmente, foi justificado como uma “linha de agressão à sensibilidade e de grosseira”. A partir de então a televisão começou a exibir programas de alta sofisticação técnica, gerados em cores e que atendiam plenamente ao tipo que o governo queria: uma televisão bonita e colorida, nos modelos do “Fantástico: o Show da Vida”. (...) Em março de 1973, O Presidente Médici fez a seguinte declaração: ‘Sinto-me feliz, todas as noites, quando ligo a televisão para assistir ao jornal. Enquanto as notícias dão conta do mundo, o Brasil marcha em paz, rumo ao desenvolvimento. É como se tomasse um tranqüilizante após um dia de trabalho (MATTOS, 2002, p.104)

Mesmo com as medida de leis a respeito de programas estrangeiros, em 1974, 57% da programação da TV era importada. Dos 43% que eram produzidas por técnicos brasileiros, 34% eram de matéria estrangeira, o que significava que de 109 horas de uma semana de programação, 31 eram genuinamente brasileira. No entanto, com os atos institucionais vigentes não era possível veicular e discutir a situação a qual o país passava, pois os controles da censura eram muito rígidos.

As recomendações governamentais sobre a responsabilidade das redes de televisão como com a cultural e o desenvolvimento nacional, tornaram-se um processo de nacionalização, que desejava substituir a violência dos “enlatados” americanos por programas mais amenos. O apoio do governo era viabilizado via créditos concedidos por bancos oficiais, isenções fiscais, co-produções de órgãos oficiais (TV educativa e Embrafilme) com emissoras comerciais, além da concentração da publicidade oficial em algumas empresas.

Assim sendo, as grandes redes, principalmente a Globo, começaram a competir no mercado internacional com a exportação de novelas e musicais de sua própria produção. No início da década de 70, a Globo contava com uma grande audiência com uma programação voltada para as camadas mais baixas da população, baseada em novelas, programas de concurso e filmes importados dos EUA, mais baratos que os brasileiros. Em 1976, a Globo inverte o quadro e passa a produzir seus próprios programas, controlando o mercado interno e no final da década já exportava programas para mais de 90 países.



A novela ganha grandes proporções nesta época, tornando-se inclusive produto de exportação para outros países. A expansão internacional da Globo está diretamente ligada à Lei da Anistia, sancionada em 1979, que possibilitou o investimento exterior das empresas. Com o mercado interno solidificado, e agora a conquista do mercado internacional. A Globo e a sua Divisão Internacional, fez várias alianças com emissoras de TV da Europa. No entanto, este investimento não teve sucesso, sendo retomado o projeto de internacionalização somente na década de 90.

Na TV Record, continua com alguns programas e investe na compra de novos desenhos de origem nipônica, mas a pressão, a tal qual a TV Tupi, em relação à concorrência da e também por conta dos três incêndios ocorridos na emissora nesta década. Em 1975, volta a se reerguer após vender 50% de suas ações para o Grupo Silvio Santos e submeter-se a um novo grupo de dirigentes. Tendo uma decaída em sua programação, investe na compra de desenhos e “enlatados” americanos, por serem mais baratos do que ter produções feitas em estúdio. O que contraria as estatísticas citadas acima sobre incentivos às produções nacionais e o crescimento de programas brasileiros, fato que não se aplica a produções infantis.

Os programas infantis de maior relevância estavam alocados na Globo são eles⁵: Vila Sésamo (1973) – passou a compor a programação matutina, versão brasileira da série americana “Sesame Street” criada para tirar as crianças das ruas e proteger dos guetos nova-iorquinos. A série brasileira foi ambientalizada em uma vila de operários. Dirigido para as crianças carentes ensinava hábitos de higiene, noções de matemática e língua portuguesa – a preocupação didática era evidente; Telejornal Globinho (1975 – 1983) – Quatro edições diárias de dois minutos, depois de 03 anos de existência passou a ter 15 minutos à tarde e reprise na manhã seguinte; Sítio do Pica Pau Amarelo (1977 – 1986) – um marco na TV brasileira, pois a história de Monteiro Lobato não tem época nem idade, isso fica demonstrado pelo sucesso alcançado, recebendo o título de melhor programa exibido em TV aberta dado pela UNESCO, saindo do ar apenas para dar espaço ao Xou da Xuxa em 1986

Em 1979, a Unesco premiou a série infantil Sítio do Pica Pau Amarelo como o melhor programa daquele ano. Pela campanha Criança Esperança, o Unicef premiou a Globo em 1980. Doze anos depois, a mesma campanha ganhou Medalha de Prata comemorativa do Encontro Mundial de Cúpula pela Criança (World Summit for Children) (Site Oficial da)

⁵ Ressalta-se um programa com a origem diferenciada: Shazan, Xerife e Cia (1972) – apresentação semanal, teve origem da novela O Primeiro Amor, era a dupla trapalhona composta por Paulo José e Flávio Migliachio



Os programas infantis, nesta época, obedecem a um “padrão” de programas de auditório, continuidade do modelo apresentado na década de 60. Percebe-se uma redução tanto nas redes de TV com programas infantis, como está acima citado.

A era da novela reflete-se também na programação infantil, principalmente na veiculada pela Globo, que investiu em novela infanto-juvenis e especiais musicais.

Há o início tímido do que seria hoje a nossa maior preocupação, a exploração do mercado consumidor infantil pela Indústria, iniciado pela Fonográfica. Pois os especiais musicais feitos, logo em seguida eram lançados vinis com a trilha sonora e conseqüentemente lançamento dos artistas que os integravam, como também o programa Zás Trás, o primeiro programa a ter uma trilha sonora comercializada.

Após as declarações do Presidente Médici acerca de sua preocupação com a qualidade dos programas veiculados pela TV e pela americanização da programação, em 1973 a Globo lança a versão brasileira do grande sucesso americano “Sesame Street”.

A substituição do Sítio do Pica Pau Amarelo em 1986 pelo Xou da Xuxa, já apresenta uma das rupturas mais importantes e um elemento fundamental para entendermos o que aconteceu com a programação infantil. A competição entre emissoras e a exploração do mercado infantil como fatores decisivos da programação em detrimento da preocupação com a educação e as mensagens a serem veiculadas às crianças.

Fase da Transição e da Expansão Internacional (1985 – 1990)

O final do regime militar, a restauração da Democracia, a TV continuaria a servir o novo governo da mesma forma que servia ao regime militar. A transição do regime militar para o regime civil evidencia-se pelas principais mudanças no setor das comunicações que decorreram da promulgação da nova constituição em 1988, que apresentava um texto específico sobre a comunicação social em que vedava a censura nos telejornais e os monopólios e oligopólios das concessionárias.

A questão das concessionárias é um fato de grande relevância, pois no Governo Sarney (1985 – 1988) foram ortogadas 90 concessões de canais de TV. O que não aconteceu no governo seguinte, Collor (1989 – 1992), que foi acusado de usar a distribuição de canais de televisão e rádio para impedir o impeachment que estava para acontecer. Segundo Mattos (2002), estratégia usada por Sarney para permanecer mais um ano no poder, distribuir concessões para assegurar poder.



O desenvolvimento e amadurecimento tecnológico como empresarial continuava cada vez mais forte, a valorização da produção brasileira no lugar dos “enlatados”, que eram usados para preencher horários, assim como as reprises de grandes sucessos como novelas, mini séries e programas gravados.

Em 1989, o país acompanhava pela primeira vez todo um processo eleitoral, e os debates apresentavam os mais altos índices de audiência, influenciando decisivamente nos resultados. Em agosto de 1990, o Ministro Jarbas Passarinho, por meio de uma portaria regulamentando a classificação de idades e horários para transmissão de certos programas pela televisão, acabou por ser erroneamente interpretado pela imprensa como um ato de censura. Para amenizar a situação, semanas após a portaria, foi modificado o Decreto N° 52795, de 1963, dando permissão às emissoras de TV e Rádio, pudessem transmitir programas de idioma estrangeiro, algo que ainda não foi averiguado em pesquisas acadêmicas para sabermos qual o impacto causado.

Muitos consideram a década de 80 com a década perdida, sem grandes perspectivas, sem grandes marcos culturais. A criança passa a ser explorada como um consumidor em potencial que precisa desde cedo ser educado para o consumo. Destaque para os musicais produzidos por grandes indústrias fonográficas, continuidade de um movimento que tomaria grandes proporções. Para no final desta fase têm-se, aquele que se tornaria o modelo padrão da programação atual.

Na Globo tinha os musicais que deram origem aos especiais da Turma do Balão Mágico que contou com a presença de grandes nomes da Música Popular Brasileira como: Fabio Jr, Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Fagner⁶. A Turma do Balão Mágico (1983-1986) – programa apresentado pelo quarteto de crianças, Mike, Ronald Biggs, Tobs, Simony e mais tarde Jairzinho, conversam com o público através de cartas enviadas ao programa, contavam anedotas e exibiam desenhos animados que marcaram época como: He-man e She-ra. Sendo cancelado, em julho de 1986, para o “alongamento” do Xou da Xuxa.

Xou da Xuxa (1986 – 1992), programa que foi exibido de segunda a sexta das 9 da manhã aos meio dia e meio, aos sábados um programa especial, cerca de 18 horas semanais. Na direção do Xou da Xuxa está Paulo Netto, ex-diretor dos especiais infantis da Globo, é ele que, na mesa de cortes, comandava as câmeras, captando as estripulias de Xuxa, as carinhas deslumbradas das crianças e os movimentos do cenário mecanizado, criado por Maurício de Sousa e executado por Reinaldo Weissman. Nenhum detalhe técnico era descuidado.

⁶ Os programas são: Arca de Nós I e II (1980 e 1982), Pirlipimpim I e II (1982 – 1984); Pumtc Plact Zunn I e II (1983); Verde que te quero Verde (1984); Viagem ao Corpo Humano; Canções para Todas as Crianças (1987)



O fenômeno Xuxa, a Rainha dos Baixinhos vêm não apenas de um programa diário de quatro horas diárias, com muitas brincadeiras, música e desenhos, mas de uma estratégia de marketing inovadora em que reflete o desenvolvimento tecnológico alcançado pela televisão, uma produção cuidadosa com inúmeros recursos visuais, efeitos especiais eletrônicos, diferentes planos de iluminação e uma apresentadora com vestimentas erotizadas. O modo com que se constituiu este outro universo cultural em que a figura central da Xuxa personificou a subjetividade infantil circulante, através tanto da imagem gerada pela apresentadora como pelos produtos que levava a sua marca⁷. Vários discos com músicas infantis que logo ficaram entre os mais vendidos, expandindo-se para filmes de grande sucesso e shows no exterior que abriram as portas para a exportação, demonstrando a expansão internacional que a TV passou no período de 1985 a 1990.

O SBT foi possível pela concessão de parte do império de Assis Chateaubriand, para perfazer às 12 horas exigidas no ar eram exibidos filmes, desenhos animados, noticiários e o Programa Silvio Santos, desenvolvendo uma programação popular visando a fácil aceitação, assumindo um conceito de mídia de massa focado para as classes C e D.

O primeiro programa infantil é BOZO, que migrou da Record, onde ficou cerca de 12 meses no ar para o Sbt, adaptação de um programa criado em 1951 nos EUA. Bozo era um palhaço que comandava jogo e apresentava desenhos, transmitido inicialmente todos os dias pela manhã e à tarde, saindo e retornando da programação ao longo de 10 anos. Em Abril 1986, o Show Maravilha estreou nos moldes do Xow da Xuxa, um programa de auditório com brincadeiras, quadros musicais, muitos desenhos e uma apresentadora, que em oposição a Xuxa, era nordestina, morena, também bastante erotizada.⁸

A Manchete teve uma existência de dezesseis anos, onde inicialmente pretendeu-se atingir as classes A e B. Em relação aos programas infantis temos programas com grande expressividade. Em 1983, com a inauguração da rede, surge o Clube da Criança, que acompanhou a emissora por todo seu tempo de existência, indo ao ar todas as tardes, inclusive aos sábados. Programa que lançou nome como: Xuxa, que teve sua estréia na televisão ficando três anos e depois se transferindo para Globo; Angélica, uma pré adolescente que fez com que o programa fosse líder de audiência em seu horário por 7 anos, sucesso que fez surgir a marca “Angélica” em roupas, bonecas, LP’s, entre outros produtos.

⁷ Ao se falar do fenômeno Xuxa faz-se isso de maneira rápida, pois por si só é um tema que se desdobraria em outras considerações que neste artigo não são pertinentes como a erotização, a repetição exaustiva do modelo e até mesmo a configuração atual do programa.

⁸ **Oradukapeta (1987-1990)** com o apresentador Sérgio Mallandro; **Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá, Simony (1988 – 1990)**



O que marca esta fase é a total liderança de Xuxa, o que fez com que os outros programas, de outras emissoras e inclusive da própria entrassem em crise ou se extinguindo ou migrando de horário na programação até conseguir se estabelecer. Percebe-se uma preocupação, agora em demasia com o público infantil, mas as crianças como consumidoras. Pelo menos 10% das matérias publicadas neste período ou anunciavam alguma mudança no programa da Xuxa, ou que havia um programa de outra emissora tentando competir ou sobre o lançamento de algum brinquedo relacionado a algum desenho.⁹

Na internet, existe um verdadeiro culto aos desenhos desta época como também aos programas televisivos. Denotando uma importância específica a esta época, refletida por estas páginas de internet, “clubes de nostalgia” e também por ser a primeira geração de crianças que tiveram a TV presente, a Xuxa ou a Mara como suas amigas no período ou da manhã ou da tarde.

Fase da Globalização e da TV Paga (1990 – 2000)

Desenvolvimento tecnológico para a interatividade dos meios de comunicação e telespectador. O início da internet e outras tecnologias de comunicação. Com a saída de Collor, assumiu o poder Itamar Franco em 1992, fez duras críticas ao seu antecessor a respeito de modernidade e na situação de atraso que o país se encontrava. O primeiro passo, do presente governo, era globalizar o Brasil, colocar o país em contato com o que acontecia no exterior e fazendo com que houvesse uma interação.

A palavra chave para esta fase é interatividade, a regulamentação da TV Paga, uma das medidas mais democráticas, pois diluiria a hegemonia da TV Aberta, como também daria oportunidades de escolha sobre o que assistir, atingindo diretamente os índices quase absolutos da Globo. O cumprimento é parcial destas leis, como a regionalização de parte da programação.

Em 2000, já havia cerca de 3.302.000 de assinantes de TV a Cabo (ABTA/MTA-EMCI), o que reflete a insatisfação do telespectador com a TV aberta. Na presente fase, temos a já tradicional guerra de audiência dominical entre Globo e SBT, que beirava ao grotesco.

⁹ Na tentativa de recuperar a audiência perdida a TV Manchete que para competir no mercado lançou as séries *livre action*, em 1987, **Jaspion** e **Changeman**, aventuras intergalácticas de humanos contra seres extraterrestres que queriam dominar o universo. “O sucesso dessas séries fez com que as mesmas passassem a ser o foco do programa, diminuindo a importância das apresentadoras, fazendo com que a audiência aumentasse mais que o dobro”. (MAREUSE, 2002, p.183). Outro tema interessante de ser abordado, pois alguns anos mais tarde daria origem ao fenômeno Power Rangers e que também acompanha a lógica do programa conjugado a brinquedos (consumo infantil).



Por este motivo, em 1998, o Secretário Geral dos Direitos Humanos, José Gregori, tentou implantar o que chamou de “manual de qualidade contra o baixo nível da programação da nossa televisão”, cada emissora estabeleceria em documento público seus próprios limites sobre a qualidade das informações, sexo e violência que circulariam em sua programação. No entanto, até agosto de 2000, este código de ética ainda não havia sido implantado. Desta forma, em setembro de 2000, o ex-secretário, agora Ministro da Justiça, José Gregori, publica a Portaria nº 796, obrigando as emissoras a respeitar e informar os limites classificatórios por faixa etária adaptada para o horário, como também a natureza de seu conteúdo. Pois em uma pesquisa inédita, “encomendada pelo ministério da Justiça e patrocinada pela Unesco, em 1997, sobre o baixo nível dos programas que buscam apenas aumentar a audiência, revelou que ‘75% dos brasileiros gostariam que houvesse algum tipo de controle sobre o que vai ao ar. Entre estes, 64% defenderam a classificação por faixa etária e horário e uma minoria, apenas 32%, pediu a volta de alguma forma de censura.’”(Mattos apud Valladares, 2002)

A comercialidade da TV encontra seu ápice, a guerra por audiência está cada vez mais acirrada, por exemplo: para a Globo cada ponto perdido de audiência representa pelo menos R\$ 45 milhões a menos no seu faturamento. Os telejornais tornam-se cada vez mais trágicos e sanguinolentos. As novelas procuram cada vez mais se aproximarem do sonho da dona de casa. Os programas populares tomam conta dos espaços das programações com tragédias pessoais, crimes passionais, com exploração aberta da sexualidade, um verdadeiro circo de horrores e um culto ao grotesco.

Na Rede Record¹⁰ que não teve produções de destaque na década de 80, agora retoma a cena com o Mundo Maravilha (1996 – 1997) com a antiga apresentadora do SBT, Mara Maravilha, com o molde de programa de auditório com brincadeiras, muitas atrações musicais e desenhos animados. No entanto, a grande “cartada” foi a contratação da apresentadora Eliana, Eliana e Alegria (1998 – 2004), com a proposta de divertir as crianças de forma educativa, tanto que o comando é dividido com personagens lúdicos como: Chiquinho, o repórter; Vovô Alegria, que ajudava nas experiências e nas lições de português; e o Bebê Alegria. Em 2006 estreou o programa de “família” Tudo é Possível na mesma emissora.

¹⁰ o primeiro programa infantil em horário nobre, em 1995, era o **Agente G**, espião interpretado pelo falecido ator Gerson de Abreu combatia vilões e dava lições de história e geografia. Estreou com um resultado de cinco pontos de ibope, dois a mais que a tração anterior. Chegando a ganhar em 1995 o **prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA)**, satirizava filmes de agentes bonitos e galanteadores, como o 007. No entanto, o programa, que tinha alto custo de produção e agora competindo diretamente com o SBT, que lançava **TV Cruj** em parceria com o **Disney Channel**. O **Agente G** foi cancelado em julho de 1997, demonstrando que não haveria lugar para programas infantis no horário nobre e muito menos de boa qualidade como era, pois em seu lugar teremos o famoso Ratinho com seu programa de “denúncias” e que mostram a realidade cultural do nosso país.



Na Globo, a ida e vinda da apresentadora Xuxa da programação diária por dois anos, foi a tentativa de lançamento de um programa nos EUA e América Latina, no entanto, a repercussão não foi muito boa. Em 1994 estréia o Xuxa Park, programa exibido somente aos sábados, que havia sido feito para a televisão estrangeira, o ambiente é um grande parque de diversões, com muita luz e muito movimento dos brinquedos, com desenhos, jogos com participação da platéia e apresentações musicais. Por um ano teve uma hora e meia, com o término do programa TV Colosso, o programa ganhou mais uma hora, ocupando todo o espaço da manhã.

Para ocupar o lugar de Xuxa surge TV Colosso (1993 – 1996), que apresenta uma rede de televisão comandada por bonecos - cachorros, criados por Luiz Ferre, ilustrador e cartunista, e com roteiro da tríade consagrada de cartunistas, Angeli, Laerte e Glauco, com um humor inteligente para crianças saindo do tatibitati das apresentadoras, arrancando elogios da crítica. O programa rendeu trilhas sonoras, filmes para cinema e especiais de fim de ano. Os cães - bonecos reproduziam as características humanas e a história transcorria nos bastidores de uma emissora de televisão, tendo alcançado um sucesso significativo entre o público. Os personagens geraram discos, shows, filmes e álbuns de figurinhas. “(...) não havia preocupação educativa apenas divertia as crianças através de críticas do cotidiano utilizando o mundo animal. (...)” (MAREUSE apud LARA MARIA, 2002, p.174) Mas o programa não resistiu com a entrada de Angélica¹¹, teve seu horário reduzido e o decreto do seu fim, foi a volta de Xuxa.

O SBT entra na década de 90 com grandes nomes consagrados do meio artístico, já vice-líder de audiência, mas sem apresentar rentabilidade econômica, levou a emissora a uma fase de busca pelas diferentes classes sociais e profissionalização comercial, através de contratações profissionais de marketing, vendas e investimentos em pesquisa, que fizeram mudar a sua postura em relação à programação¹². Em 1997, o SBT introduz a novela infantil Chiquititas, um grande sucesso, cuja produção é uma parceria com uma emissora Argentina, a Telef,

11

No final de 1995 entra no Angel Mix, inicialmente com a estrutura básica, apresentadora e auxiliares de palco, brincadeiras e desenhos, ocupando inicialmente uma hora da programação televisiva matinal e no ano seguinte 1996, depois de quatro meses no ar, teve sua duração alterada para quatro horas, que o programa se dividia em dois momentos, o próprio Angel Mix e a Novela Infantil Caça Talentos, estrelada por Angélica com um enredo que regatava a fantasia e a imaginação. Em 1998, o programa sofre reformulações e adquire um caráter educativo, com grande ênfase em temas ecológicos e incluindo personagens derivados de animação de bonecos.

12

O programa Desenhos com a Vovó Mafalda (1991 – 1997). Eliana iniciou o comando de Bom Dia & Cia de 91 a 98, programa produzido e transmitido diariamente por três horas, tendo caráter educativo, com linguagem simples e correta, estimulando a curiosidade infantil e apresenta desenhos. Em 1998, quem assume o comando do programa é a apresentadora Jackeline Petikovic até 2003. De 1994 a 1996 Sérgio Malandro comandava um programa que levava o seu nome e apresentava cenas de pastelões envolvendo outros artistas.



dando origem a vários cd's, shows e inúmeros itens de consumo como sapatos, roupas, tênis, revistas e bonecas.

O Disney Club, TV CRUJ, um movimento dedicado aos Ultrajovens, com o seguinte bordão: “Somos ultrajovens e merecemos respeito”. Um programa de estúdio no qual crianças interpretam uma história centrada no personagem Juca, um menino que adora computadores e desenho animado; durante a ficção há muita apresentação de desenhos animados da Disney. Em 1997 foi dado com o melhor programa infantil para crianças de 07 a 14 anos pela APCA e os roteiros eram baseados nas cartas dos telespectadores. Em pesquisa do Ibope de 1997 havia 30% de identificação das crianças com os personagens desenvolvidos pelas quatro crianças que apresentavam o programa.

Na Manchete destaque para a estréia do Cometa Alegria, programa com quatro horas de duração, uma produção independente apresentada por Patrick de Oliveira e a menina Cinthya. O ápice e ao mesmo tempo o que determinou o final do programa foi a estréia do anime “Os Cavaleiros do Zodíaco”, grande sucesso de audiência, vendas e odiado pela crítica até hoje, com sua reestréia feita em julho de 2004 na REDE BANDEIRANTES ocupando o mesmo horário do final da tarde. A estréia deste desenho é o marca a invasão anime em 1995 até a extinção da rede em 99.

Os programas infantis com saída de Xuxa, em 1992, passam por mudanças, chega-se a discutir o “futuro dos programas infantis”, pois a “fórmula” está muito desgastada, pois haver-se-ia muitas versões da apresentadora: Angélica, Mara, Mariane, Eliana, fadas eletrônicas, que com uma agressividade de venda disfarçada por uma voz doce e meiga emitem um canto de sereia para as crianças com seus maravilhosos brinquedos, brincadeiras, Em relação aos programas infantis temos um grande abalo com a volta de Xuxa, pois aquilo que parecia estar se renovando, estaciona e a briga pela audiência torna-se feroz. A Globo inicia uma série de contratações, como que para um “acúmulo de estrelas”. O espaço dos programas infantis é cada vez menor, a TV Colosso é a primeira a desaparecer neste contexto, pois seu horário foi reduzido tanto pela entrada de Angélica, no Angel Mix e com a Novelinha Infantil Caça Talentos, quanto pelo programa diário de Ana Maria Braga, um programa de variedades tanto de assuntos de cozinha a assuntos de ordem íntima. Os programas infantis aqui, ao que se pode perceber iniciam o seu caminho para o desaparecimento.

Conclusão



A Fase da Convergência e da Qualidade Digital (2000 - ...) Tecnologia apontando para uma interatividade cada vez maior dos veículos de comunicação, principalmente da TV com Internet e outras tecnologias de informação. A TV Digital está sendo anunciada para logo, como também a TV Web em que se tem Internet e Televisão na mesma tela.

Em 2000, o governo brasileiro inaugurou a primeira etapa da Internet de alta velocidade no país, com capacidade para ser 77 vezes mais rápida do que a atual. Este aumento de velocidade traria novos aplicativos de multimídia interativa, abrindo perspectiva para uma convergência cada vez mais de todos os meios de transmissão de informação. A Rede TV não perdeu tempo em relação a esta tendência e hoje é parceira do UOL, o maior provedor da América Latina formada pelo Grupo Abril e Folha, o que permite não só o aproveitamento das imagens da emissora quanto o uso de ferramentas da Internet na programação.

Em 2001, as duas maiores redes de televisão contavam com quase todo o território nacional coberto: A REDE GLOBO com 113 emissoras, atingindo 99,84% da população, em que a audiência se divide da seguinte forma: 74% no horário nobre, 56% no horário matutino, 59% no vespertino e 69% no horário noturno. Enquanto o SBT, composto por 97 emissoras abrangendo 90% da população.

A programação tem uma invasão pelos Reality Show's, em que pessoas comuns ou quase famosas, ficam enclausuradas em uma casa com sistema de vigilância constante em que o telespectador é convidado a observar o cotidiano destas pessoas. Fama, Big Brother Brasil, Casa dos Artistas, Sem Saída. Estes são alguns nomes do que virou quase que constante, é apenas mudar de canal e estar-se-á vendo algum programa com esta temática.

Em relação aos programas infantis, temos uma redução brusca de programação. Crianças de 04 a 09 anos não têm espaço, uma vez que a programação atualmente tem se voltado para uma camada até então pouco explorada, os Pré Adolescentes. Desta forma temos o que Potsman (1999) aponta, uma precocidade forçada, pois não há mais espaço para esta infância, a instaneidade é a palavra de ordem

O panorama da mídia no Brasil é segundo Pesquisa por Amostra de Domicílio do IBGE mostra que 89% dos domicílios brasileiros têm televisores, enquanto 88% possuem aparelhos de rádio e apenas 85% possuem geladeira. Já os dados de 2005 sobre a amostragem dos bens duráveis a TV aumentou de 2004 para 2005, já o rádio se manteve na mesma porcentagem de 87% e a geladeira também teve um pequeno crescimento. De 169.799.170 pessoas que compõem o Brasil, aproximadamente 24 mil brasileiros estão na faixa de 0 a 9 anos, o que constitui 70% da população, distribuídos em cerca de 46.507.196 domicílios.



Para experimentação, fizemos um rápido estudo da programação televisiva brasileira. Auxiliado pelo livro “Gêneros e formatos na Televisão brasileira” de José Carlos Aronchi de Souza, foi possível fazer através da sua tipologia de gêneros esta contagem. Foi escolhido um dia aleatório da semana, 24 de março de 2006, a publicação da grade da programação na Folha de São Paulo.

Percebe-se que na somatória do tempo de transmissão das 11 emissoras de canal aberto, é de aproximadamente 180 horas. Neste tempo, cerca de 22 horas são dedicadas a programação infantil, isto é, 8% da carga horária total.. Se a reflexão for pela quantidade de programas, têm-se na programação 219 programas, destes 36 são do gênero infantil, 6% dos programas. Ao excluir os programas da TV Cultura, o quadro se torna menos representativo ainda, são 28 programas que se reflete em 10 horas e meia. Isto é, na exclusão da TV Cultura, reduz para 12 horas o tempo de programação infantil e restam apenas oito programas.

No que diz respeito à TV por assinatura no país, segundo a pesquisa MídiaFatos¹³2004, a penetração desta é baixa, atinge somente 3,5 milhões de domicílios brasileiros (cerca de 13% do total). A assinatura de TV a cabo ou via satélite se concentra em domicílios de classe A e B.

Ao pensar nos dados sobre a programação televisiva e o tempo que as crianças assistem TV. Inicia-se a primeira reflexão sobre um dos objetivos do trabalho: O que as crianças assistem? Uma vez que, novamente de acordo com o Ibope, os programas de maior audiência¹⁴ entre as crianças de 04 a 11 anos não são dirigidos ao público infantil. Lideram o ranking as novelas (das 19 horas e das 20 horas), o jornalismo noturno, e programas humorísticos.

As crianças permanecem um intervalo de tempo considerável em frente à TV, assistem programas adultos por falta de programação feita para elas. O IBOPE nota que as crianças assistem em média 3 horas e 55 minutos de TV todos os dias (média Nacional), tempo comparável às 04 horas em que permanecem na escola. A avaliação de acordo com a classe social: classe A passa 3 horas e 04 minutos; classe B 3 horas e 21 minutos; e na classe C 4 horas e 09 minutos.

Verifica-se que há a necessidade de intervenção dos pais e educadores sobre esta realidade que está se formando. Medidas estão sendo tomadas pelo governo, algo que ainda está em debate sobre classificação de horários e faixas etárias, algo de extrema urgência como pode-se verificar pela trajetória acima descrita.

¹³ Mídia Fatos é uma publicação anual da Associação Brasileira de Televisão por Assinatura (ABTA) que reúne dados de mercado referentes ao desenvolvimento da TV por assinatura no Brasil.

¹⁴ Média nacional em maio de 2003.



Aqui finaliza-se este artigo com estes dados estatísticos para demonstrar que a questão sobre esta fase ainda são muito preliminares e para se fazer uma análise assim como se deter mais detalhadamente sobre alguns programas se faria necessário um estudo específico. E que talvez não se esgotasse ainda as questões relacionadas a história dos programas infantis e a problemática que estes trazem ao cenário das pesquisas sobre TV brasileira.

Referências bibliográficas

MAREUSE, M. Ap. G. – 50 anos de desenho animados na televisão brasileira, Tese de Dissertação de Mestrado – ECA/USP – CCA 2002

MATTOS, S. História da Televisão Brasileira – Uma Visão Econômica, Social e Política - Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 2002

MUNIZ, Sodré Monopólio da fala. Petrópolis: Vozes, 1977.

POSTMAN, N – O desaparecimento da Infância – Rio de Janeiro: Graphia, 1999

<http://geocities.yahoo.com.br/classtv/> - acessado em outubro de 2004

<http://www.museudatv.com.br/inicio.htm> - acessado em novembro de 2004

<http://www.memorialdatv.com.br.tf> – acessado em outubro de 2004